

CABO VERDE: A ROTA AFRICANA DE FLORA TRISTAN

Cape Verde: the African journey of Flora Tristan

Cabo Verde: la rota africana de Flora Tristan

Maria Inês Amarante

Professora Adjunta e Pesquisadora

Universidade Federal da Integração Latino-Americana - UNILA

ines.amarante@unila.edu.br

Resumo

Este trabalho, fruto de pesquisa pós-doutoral em curso, contempla a passagem de Flora Tristan por Cabo Verde em 1833, o contexto histórico local e apresenta uma análise dos relatos memoriais da escritora, de cunho jornalístico e literário, do capítulo *La Praya* de sua obra autobiográfica *Peregrinações de uma pária*. Durante a travessia marítima que a levaria ao Peru, o navio em que viajava faz uma escala forçada na cidade da Praia, então sob o domínio colonial e escravocrata português. As cenas de violência e miséria que nunca dantes presenciara despertam a sensibilidade de Flora, que expressa sua revolta contra a exploração humana, sobretudo de mulheres, em seu livro. O tema será recorrente nos relatos de viagens que escreveria tempos depois.

Palavras-chave: Flora Tristan. Cabo Verde. Jornalismo Literário.

Abstract

This work is a result of an ongoing postdoctoral research that contemplates the passage of Flora Tristan through Cape Verde in 1833, the historical local background and presents an analysis of the writer's memorial narratives with a literary journalism approach in the *La Praya* chapter from her autobiographical work *Peregrinations of a Pariah*. Throughout the sea crossing, the ship where Flora Tristan was travelling to Peru was forced into making a stopover in the City of Praia, when it was under the colonial and slavery-oriented Portuguese regime. The scenes of violence and misery that Flora had never experienced before awoke her sensibility, expressing her outrage against human exploitation, especially women on her book. The theme will be recurrent on her travel narratives that she writes afterwards.

Key words: Flora Tristan. Cape Verde. Literary Journalism.

Resumen

Este trabajo, fruto de una investigación posdoctoral en curso, contempla el paso de Flora Tristan por Cabo Verde en 1833, el contexto histórico local y presenta un análisis de los relatos de memoria de la escritora, de cuño periodístico y literario, del capítulo *La Praya* de su obra autobiográfica *Peregrinaciones de una paria*. Durante la travesía marítima hacia el Perú, el barco en el que viajaba se hizo una escala forzada en Praia, entonces bajo dominio colonial y de esclavitud portugués. Las escenas de violencia y miseria que nunca antes había presenciado despiertan la sensibilidad de Flora, que expresa su revuelta contra la explotación humana, sobre todo de mujeres en su libro. El tema será recurrente en los relatos de viajes que escribiría tiempos después.

Palabras clave: Flora Tristán. Cabo Verde. Periodismo Literario.

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho marca o aprofundamento da pesquisa pós-doutoral que está sendo realizada sobre o curto período em que Flora Tristan, a única mulher passageira do navio *Le Mexicain*, permaneceu em contato com a sociedade colonial e escravocrata cabo-verdiana e traz aspectos da realidade que ela testemunhou naquele espaço insular.

No início do século XIX, ela testemunhou a crueldade e a miséria na Vila da Praia de Santa Maria da Esperança e guardou na memória imagens tocantes que passaram a fazer parte das observações que registrou ao longo de seus deslocamentos, expressando a revolta contra a exploração humana.

A ilha de Santiago era o ponto nevrálgico de um comércio que ela qualificará de «monstruoso ultraje à humanidade». Desde o século XVII, a escravidão era bastante contestada na Europa. Após a Revolução Francesa, filósofos e escritores iniciaram um combate para que o «direito natural» dos povos fosse reconhecido também para além das fronteiras francesas. Contudo, a utilização de uma mão-de-obra negra e exilada era vista como um problema social geograficamente longínquo e que atingia apenas as colônias ultramarinas.

No final do século XVIII os portugueses controlavam aproximadamente 25% do comércio de escravos no Atlântico. Receava-se que esta porcentagem aumentasse com a guerra napoleônica, o distanciamento temporário dos franceses e com a retirada dos navios negreiros ingleses, lembra Turano (2014, p. 31)¹. Estes últimos, por sua vez, incrementaram o controle para dissuadir os portugueses a expandir seus negócios onde outrora navegavam. Com o deslocamento da família real portuguesa ao Brasil, Dom João manteve por mais de 60 anos o comércio afro-atlântico², uma vez que representava um bom negócio no qual ele próprio teria investido, apesar dos inúmeros tratados assinados desde 1810 com a Inglaterra (Id. p. 32).

Durante os dez dias em que o navio de Flora Tristan permanece ancorado, ela visita a cidade da Praia duas vezes, ocasião em que observa as altas personalidades que conhece - em sua maioria europeus -, que possuíam como única grandeza títulos ou dinheiro. A submissão que impunham ao povo negro «retirava-lhes qualquer virtude». Ela então inicia uma atenta peregrinação através da vida cotidiana destas pessoas e mergulha no fundo da miséria

¹ Tradução livre do francês pela autora.

² Segundo dados apontados por Turano (2014, p. 32), após a chegada de D. João VI ao Brasil, a importação de escravos aumentou cerca de dez a vinte mil por ano.

humana. Pode-se compreender que o que execra, acima de tudo, é o comportamento desumano daqueles que exploram homens, mulheres e crianças.

Quando incluí aquele país em meu roteiro profissional³, idealizei a rota de Flora Tristan, brava e controvertida mulher que marcou o pensamento feminista no início do século XIX⁴, quando as mulheres começavam a compor a classe trabalhadora no avançar da Revolução Industrial. Esta mulher de vida difícil e movimentada que militou obstinadamente contra a opressão feminina e operária, sempre defendeu valores cidadãos. Alguns a conhecem apenas como sendo a avó do pintor Gauguin, nascido após sua morte, outros como uma socialista romântica de vanguarda. O fato é que, esquecida por mais de um século, teve sua trajetória resgatada em uma tese de Jules-L Puech, em 1925, merecendo posteriormente a atenção de vários estudiosos. Seu legado compõe-se de obras que continuam bastante atuais e têm sido reeditadas e traduzidas em vários idiomas. Os movimentos feministas a veneram, os trabalhadores a respeitam, os pesquisadores, entre os quais me incluo, estão sempre em busca de seu legado.

Logo que cheguei à cidade da Praia, pressenti que minha permanência só teria sentido no dia em que eu encontrasse algo que fizesse referência à passagem da escritora pelo local. E não tardou muito para que isso acontecesse quando visitei o belo edifício de inegável valor histórico-cultural, construído em 1878 em frente ao mar, que abriga o Instituto do Arquivo Histórico Nacional de Cabo Verde, sede da antiga Alfândega (GOMES, 2010, p. 75) e que guarda relíquias em seu interior!

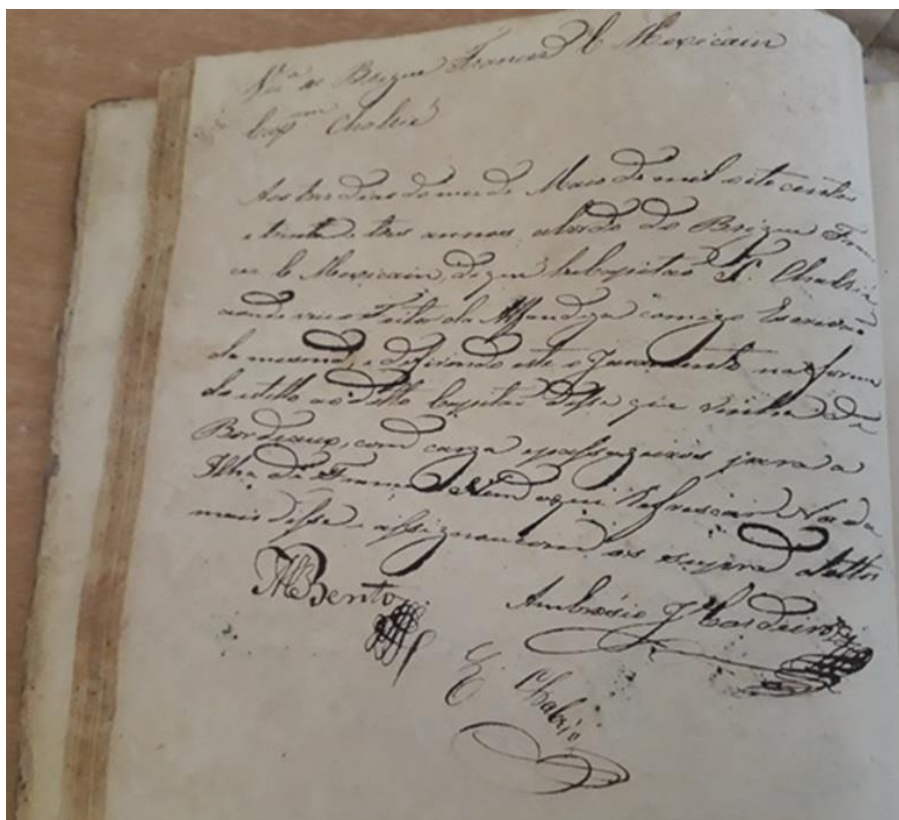
Era meu desejo consultar a lista de navios aportados nos idos de 1833 e obter alguma referência mais precisa sobre os visitantes da cidade. Enquanto a arquivista procurava esses documentos, fiz uma releitura do capítulo intitulado *La Praya* – em que a escritora narra sua visita a esta cidade. Não tardou muito e recebi, embrulhado num espesso papel kraft bege, atado com barbante, um livro antigo chamado: *Livro. Visitas e Entradas dos navios de Janeiro de 1833 a 8 de Abril de 1837*, cuja imagem da capa reproduzo a seguir:

³ A autora atuou como Leitora Brasileira em Cabo Verde de 2011 a 2012 a serviço do Itamaraty.

⁴ Flora Tristan nasceu em Paris no dia 7 de Abril de 1803 e foi batizada com quatro nomes (Flora, Célestine, Thérèse, Henriette). Do lado paterno tinha remotas origens, pois seu pai, Dom Mariano de Tristan y Moscoso, descendia de uma família da antiga nobreza instalada no Peru. Sua mãe pertencia à pequena burguesia francesa e se refugiara na Espanha quando da Revolução de 1789. Em Bilbao, conheceu e casou-se com Dom Mariano apenas no religioso. A família Tristan se muda para Paris em 1802 e, embora vivessem em uma casa confortável, quando falece Dom Mariano sua viúva e filhos ficam no desamparo, pois os bens que possuíam foram confiscados pelo Estado devido à guerra entre o Império Napoleônico e a Espanha.



Abri o pacote e comecei a folhear, lenta e cuidadosamente, o velho volume manuscrito, admirando a caligrafia rebuscada em de pena molhada num tinteiro, sem nenhum borrão. Entre os tais registros de chegadas de navios, figuravam alguns que ainda sorrateiramente praticavam o tráfico de escravos, já condenado na época, e outros com nomes ingleses e franceses: Godfney, Destouches... Saltou-me aos olhos, no verso da página 18, a chegada do navio comercial de bandeira francesa: *Le Mexicain*, em 3 de maio de 1833, proveniente do porto de Bordeaux, de onde saíra no dia 7 de abril do mesmo ano, capitaneado por M. Chabrié, com destino ao porto de Valparaíso, no Chile. E logo abaixo, a assinatura do homem que, durante a longa travessia de 133 dias, apaixonou-se por aquela – aparentemente frágil – mulher francesa. E entre surpresa e contente, fiquei por um longo tempo lendo e admirando o raro e antigo documento, parte viva das memórias de viagem da corajosa escritora.



Minha pesquisa estava apenas começando... Decidi então partir em busca de mais elementos que me permitissem compreender o significado que teve para Flora Tristan a passagem por esta ilha do Oceano Atlântico, bem como refletir sobre a memória da escravidão que ela, tornada escritora, guardou dessa viagem e que vai aparecer em obras que escreveu ao longo de outras peregrinações...

2 A PARTIDA, RELATOS MEMORIAIS E JORNALISMO LITERÁRIO

... Sin dinero para criar a sus hijos, Flora decidió viajar al Perú. Iba a cobrar la herencia de su padre.
Programa de rádio - Centro Feminista Flora Tristan
(Lima-Peru)

Entre os numerosos estudos realizados sobre a obra biográfica da autora, há pouco consenso sobre os motivos que a levaram a buscar sua família paterna no Peru. Para alguns, ela buscava fortuna, para outros, a figura do pai que lhe traria a legitimação social ou a própria identidade (AMARANTE, 2010, p. 117). No entanto, houve pouco aprofundamento sobre o curto período em que a única mulher passageira do navio *Le Mexicain* permaneceu em

contato com a sociedade colonial e escravocrata caboverdiana e a realidade que ela testemunhou naquele espaço insular.

Em cada local visitado, ao mesmo tempo em que observa minúcias, como evocações olfativas e visuais, o modo como as pessoas se vestem, se expressam, agem e os hábitos que têm, ela também trata da densidade dos problemas, trazendo observações sobre a vida social e política.

De La Praya ao Peru recém-liberto da tutela espanhola, nada escapa a seu olhar. Através destas impressões narradas como "confissões", ela estabelece, imediatamente, um pacto consigo mesma e com seus leitores. O relato do que vive representaria, de fato, um ato de partilha, um modo de escapar de seu isolamento de pária através de uma viagem ao interior de si, entregue ao público como uma forma de comunhão com o outro:

No decorrer de minha narração, falo com frequência de mim. Pinto-me em meus sofrimentos, meus pensamentos, minhas afeições: todas resultam da organização que Deus me deu, da educação que recebi e da posição que as leis e os preconceitos que fizeram ter (...). Não foi pois *sobre mim, pessoalmente*, que quis atrair a atenção, mas sobre todas as mulheres que se acham na mesma posição e cujo número aumenta dia após dia (TRISTAN, 2000, p. 41).

Esta forma de colocar-se como parte da história que relata - e que se manifesta por meio das observações constantes que faz sobre as pessoas que encontra, para além de atrair a atenção do leitor, é visto como uma das características do jornalismo literário, uma vez que «quando aprendemos algo a mais sobre a humanidade, estamos iluminando a compreensão sobre nós mesmos» (LIMA, 2014, p. 24).

Daí a relevância de se buscar elementos marcantes na história social de Cabo Verde que traduzam as representações da escravidão e subserviência na vida das mulheres descritas pela autora quando de sua visita ao país, bem como documentos que reconstituam a realidade colonial escravocrata e os modos de vida da população.

Entre os habitantes da ilha, no início do século XIX, havia presença bem marcante de estrangeiros (norte americanos, franceses, italianos, portugueses), todos, à sua maneira, envolvidos com a exploração humana.

No *Prefácio* de sua obra, a escritora salienta que os autores de obras memoriais preferem publicá-las postumamente, de modo geral, pois assim ficam isentos, quando ainda vivos, da responsabilidade por seus atos e palavras (TRISTAN, 2000, p. 37). Para ela, esta atitude faz com que os testemunhos da realidade sejam enfraquecidos e apenas realcem o

desejo de que seus autores sejam lembrados de modo bem diferente do que eram. Muitos deles retratam personalidades ilustres por seus feitos e não por seu caráter moral, observa: «Se se tratasse unicamente de reportar os fatos, os olhos bastariam para vê-los» (Id., p. 38). Flora salienta que é preciso mais do que instrução para escrever memórias: é preciso ter sofrido e conhecido o infortúnio para valorizar os outros, despojar-se dos preconceitos para considerar a humanidade para além de si mesmo, sem receio das reações que isso possa causar. Ter no coração a fé do mártir! (Id., p. 39).

Pode-se dizer que em seus relatos, como considera Pires Ferreira (2003, p. 34) ao referir-se à memória, «duas memórias andavam juntas, a memória feliz e a infeliz, o momento e a eternidade, a vivência e a signicidade em diálogo, a experiência ligada aos impulsos da descoberta». A autobiografia, no entanto, segundo Huárag Alvarez, evocaria uma memória seletiva, equivalente a um autorretrato:

Mostra a imagem de alguém, mas como em toda composição pictórica, é inevitável que este alguém escolha de que modo mostrar-se, que gesto deve apresentar e em que estado de ânimo. (...) Aquele que escreve uma autobiografia sabe que está construindo a imagem dele que outros vão apreciar (HUARAG, 2008, p. 2-3).⁵

Os registros memoriais de viagens empreendidas pela escritora e que remetem à descoberta e vivência mais marcante da realidade da escravidão, trazem elementos de reflexão sobre a condição social feminina e de trabalhadores sobre os quais passa a escrever. Em contato com as sociedades escravocratas visitadas, ela anota, registra e traduz em textos sentimentos de revolta e indignação por meio de duras críticas ao clero, políticos e comerciantes, todos promotores ou coniventes com o tráfico negreiro e com a servidão humana nos lugares visitados. Ela se atém, particularmente, ao sofrimento das mulheres e crianças em cativeiro e idealiza uma sociedade mais justa que necessita prepará-los para a liberdade e uma vida digna. E reforça, conscienciosamente, que seu papel de viajante era o de dizer toda a verdade.

Ao abordar as narrativas de viagem, penso notadamente no conjunto de textos que remetem ao jornalismo literário – gênero recorrente no século XIX por escritores de renome e que ganha mais desenvoltura no início do século XX. Segundo Lima (2014) trata-se de uma modalidade de prática da reportagem de profundidade e do ensaio jornalístico que utiliza recursos de observação e redação inspirados na literatura e que se apresenta em vários outros formatos, como biografias, ensaio pessoal, diário etc. Nos Estados Unidos, o gênero teve

⁵ Tradução livre do espanhol pela autora.

influência da sociologia, utilizando recursos técnicos da «observação participante», o que mudou a forma de produzir sucintamente notícias, uma vez que transcende o aspecto meramente informativo para adentrar na vida real das pessoas (LIMA, 2014, p. 15). Ou seja, o jornalista literário não traz apenas os fatos, mas histórias das pessoas que os protagonizam.

Já Marcondes Filho (2000, p. 48), traça um quadro evolutivo de cinco épocas distintas do jornalismo, considerando como primeiro jornalismo aquele que vai do período de 1789 a 1830 e que se caracteriza pelo conteúdo literário e político, com texto crítico, e comandado por escritores, políticos e intelectuais, antes da imprensa de massa. Escritores de prestígio tomaram conta dos jornais e descobriram a força do novo espaço público, como certamente foi o caso de Flora Tristan que buscava reconhecimento e legitimidade através de seus textos.

Esta primeira obra documental da escritora, em forma de diário de campo, pode ser vista como jornalismo literário de viagem, uma vez que não é efêmera ou superficial e adquire valor histórico. Contudo, a tendência dos puristas é considerar este gênero, como lembra Lima (2014, p. 25) «de categoria inferior à literatura» embora a qualidade literária seja inegável. Contrário a esta ideia, o autor reconhece «o valor narrativo – portanto literário - alcançado por muitas obras brilhantes do jornalismo literário» (Id.).

Na França, no final do século XVIII, mesmo que os instrumentos privilegiados de expressão das idéias continuassem sendo o livro ou a brochura, a imprensa representava uma força em progressão, apesar de estar sob censura desde 1792. Nas décadas de 1830- 40, o jornalismo popular cresce em público e tiragem e contribui na comercialização de jornais, que passaram a ser o modo de expressão do feminismo (PERROT, 2008, p. 32-4). As mulheres se infiltram nos folhetins e, aos poucos, na imprensa especializada da moda, como o “Journal des dames” (1750-78), passam a exprimir o desejo de emancipação em outras publicações.

Lembra Perrot (2008, p. 29-30) que a escrita do diário “era um exercício recomendado, principalmente pela igreja, que o considerava um instrumento de direção de consciência e de controle pessoal” e foi graças a ele que se pode ouvir o “eu”, a voz das mulheres. Muitas delas, como Suzanne Voilquin, Désiret Véret, Eugénie Niboyet, Jeanne Deroin ou Pauline Roland, dedicaram-se ao jornalismo pelas causas feminista, política e social de seu tempo, em jornais de tendência sansimonista como o “La femme libre” (Id., p. 34).

Esta tomada da palavra concretiza-se pela criação de uma imprensa feminista e uma participação feminina maior nos movimentos ideológicos que vão marcar toda uma época. Entre as pioneiras, destaca-se Eugénie Niboyet que cria um jornal de mulheres em Lyon.

Flora a encontrou em 1836, durante as reuniões semanais que o jornal “Gazeta das mulheres” organizava. Os escritos da nova geração romântica destes anos 1830, oscilando entre as teorias liberais e sociais, multiplicavam-se.

Quando da publicação de sua obra *União Operária*, FloraTristan escreve no jornal dos trabalhadores “La Ruche” e prossegue sua ação graças aos inúmeros assinantes do periódico.

Há que se destacar que, durante a travessia de navio até o Peru, a autora pôde aprofundar alguns de seus conhecimentos sobre a literatura francesa pela leitura de renomados autores, como revela (2000, p. 138): Voltaire, Byron, Chateaubriand, as fábulas de La Fontaine, Lamartine, Victor Hugo, Walter Scott e, sobretudo, Bernardin de Saint-Pierre. A escolha destes é bastante significativa: com exceção de La Fontaine, todos viveram no Século das Luzes ou na época romântica, e a maior parte deles produziu narrativas de viagem.

2.1 A Vila da Praia de Santa Maria da Esperança. Primeiros contatos com a sociedade escravocrata e patriarcal

Vinte e cinco dias após a partida, devido a uma avaria, a embarcação na qual se encontrava faz uma escala forçada em Praia, na ilha de Santiago. Ao avistar a ilha rochosa, Flora parece antever a realidade que testemunharia naquele local: «O aspecto dessa terra, inteiramente negra, inteiramente árida, tem qualquer coisa de tão monótono que a gente se sente penosamente entristecido», confessa a viajante. Ela pensava que «uma ilha denominada Cabo Verde devia necessariamente oferecer à visão dos navegadores uma paisagem verdejante, pois se assim não fosse, como explicar a origem do nome?» (TRISTAN, 2000, p. 66).

A sensibilidade da viajante será profundamente aguçada pelas imagens da extrema opressão. De fato, a ilha que na época possuía quatro mil habitantes na estação chuvosa (Id., p. 97), era o ponto nevrálgico de um comércio em que a mercadoria proposta eram vidas humanas, o que ela qualificará de “monstruoso ultraje à humanidade” (Ibd., p. 93).

Estudiosos da vida e obra da escritora, entre eles Cucho (1981), presumem que, antes de partir, ela já possuía ideias abolicionistas consolidadas, embora teóricas, fruto de leituras e debates junto a círculos revolucionários. Varikas (1988) em sua comunicação *As Mulheres: párias? Da metáfora ao conceito político*, afirma que esta metáfora da escravidão retorna frequentemente nos textos feministas pós Revolução Francesa e as mulheres da época

acrescentam outros, como «ilote» e «pária». Ilote significava «a submissão e exclusão dos direitos políticos», enquanto pária era utilizado quando das reivindicações republicanas de 1848.

O comércio atlântico de escravos, lembra Vandepitte (2012), que se situa entre os séculos XV e XIX é um fenômeno político, econômico, social e cultural de dominação europeia e se distingue da escravidão doméstica. Na conferência havida em Durban, em 2001, salientou-se a complexidade das responsabilidades e o impacto do tráfico sobre a África. O tema perdura na memória coletiva e a ele se agrega o problema contemporâneo das migrações que afeta politicamente as sociedades africanas e europeias.

Quando de sua descoberta, em 1460, não havia em Cabo Verde uma população autóctone - os habitantes que povoaram primeiramente a ilha de Santiago eram todos estranhos ao pequeno território, tanto os europeus quanto os africanos, o país servindo como entreposto de escravos trazidos da África graças à sua posição geoestratégica⁶.

Ao chegar à ilha de Santiago, a tripulação do navio *Le Mexican* é recepcionada por um barco do capitão do porto e que oferece à viajante um quadro inesperado. A aparência grotesca deste personagem português - enviado pelo patrão Dom Miguel (que, segundo ele, era o dono da ilha) traduz-se pelo mau gosto do traje e contrasta com a visão dos «quatro remadores negros quase inteiramente nus» que o conduziam (TRISTAN, 2000, p. 68). O acesso à cidade lhe parece inóspito e difícil, uma vez que ali não havia nenhum cais⁷ para facilitar o desembarque:

Os arredores são protegidos por rochas mais ou menos sólidas, contra as quais o mar vem se quebrar com uma violência que poria em pedaços as mais fortes embarcações não fossem tomadas as maiores precauções para aportar (TRISTAN, 2000, p. 72).

⁶ Em sua história econômico-social está registrado o regime latifundiário praticado no local. Segundo Lopes (apud CORREIA E SILVA, 1996, p. 64), "o patriarcalismo agrário de Santiago com os característicos morgadios, servidos por grandes propriedades, criou um tipo de civilização semelhante às zonas de economia escravocrata à sombra das casas grandes com os engenhos". Assim, houve necessidade de recorrer em larga escala à mão-de-obra escrava para as lavouras de cana-de-açúcar e de algodão, que foram decaindo a partir do século XVII. Este regime gerou uma forte hierarquização de classes, onde o escravo, além de "isolado e dependente" foi ainda inferiorizado em relação aos brancos (CORREIA E SILVA, 1996, p. 69). Porém, no século XVIII, começa a haver uma transição entre a dissolução deste regime e o início de uma agricultura de auto-subsistência, explorada pela mão-de-obra familiar e/ou contratada, constituída de escravos alforriados, com a diminuição do próprio comércio negreiro. A escravidão seria definitivamente abolida, segundo Carreira (2000, p. 384), em 1876.

⁷ Uma ponte-cais da cidade da Praia seria inaugurada apenas em 1880, conforme dados obtidos por Gomes (2011, p. 65).

Para alcançar a praia, Flora precisou ser carregada e, com alguns companheiros de viagem, deslocou-se pela parte alta e mais antiga da cidade, atual Plateau.

Quando evoca «o odor de negro» que sente ao circular pelas ruas ou sua repugnância ao avistar crianças raquíticas, nuas e feias «como macaquinhos», a viajante parece demonstrar preconceito e repulsa aos escravos. Contudo, pode-se compreender que o que ela execra, acima de tudo, é o comportamento daqueles que os exploram:

Os habitantes de La Praya trocam negros por farinha, vinho, óleo, arroz, açúcar e outros gêneros alimentícios, bem como objetos manufaturados de que precisam. Essa população é pobre, alimenta-se muito mal, e a mortalidade ali é considerável, pelas inúmeras doenças às quais os habitantes estão expostos (TRISTAN, 2000, p. 97).

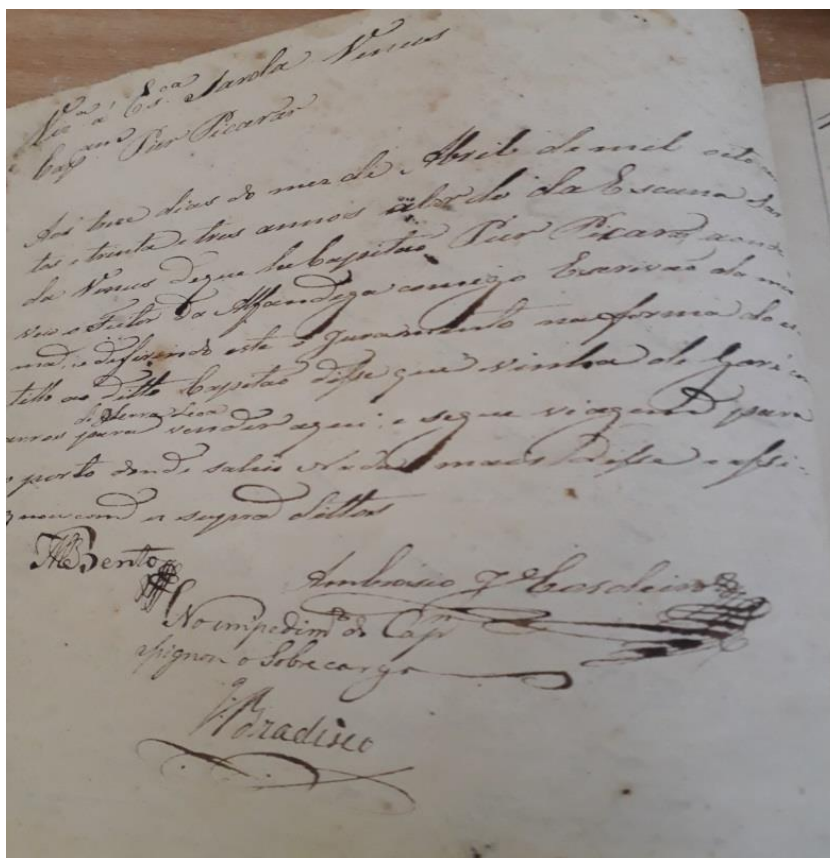
Estas descrições características do jornalismo literário, no entender de Lima (2014, p.15), revelam a função do escritor de transmitir elementos que interpelam os sentidos, uma vez que: «Na vida real, os lugares onde as coisas acontecem têm cheiro. As pessoas e os objetos têm formas e tamanhos. Têm cores. Os ambientes, geralmente, têm sons». Pena (2006, p. 6) reforça esta ideia ao discorrer sobre o conceito de jornalismo literário:

Significa potencializar os recursos do jornalismo, ultrapassar os limites dos acontecimentos cotidianos, proporcionar visões amplas da realidade, exercer plenamente a cidadania, romper as correntes burocráticas do lide⁸, evitar os definidores primários e, principalmente, garantir perenidade e profundidade aos relatos.

Na época em que a escritora chega à cidade da Praia, Cabo Verde sofria, segundo Carrera (2000, p. 204), «uma das mais calamitosas fomes do século XIX» e que atingiu todas as ilhas do arquipélago entre 1830 e 1833, deixando um número elevado de mortos. Mas as autoridades coloniais permaneciam impassíveis diante de tal situação.

A tripulação do *Mexicain* é recebida pelo secretário do governador e seus aliados: um consul americano, uma senhora viúva - a Sra. Watrin -, o Sr. Tappe e o capitão Brandisco, que, em documento sobre a chegada de sua fragata, assina Bradisco:

⁸ O lide, do inglês *lead*, é a primeiro parágrafo da notícia que aparece em destaque trazendo informação básica sobre o conteúdo.



Flora Tristan observou que mesmo aqueles que não estavam diretamente envolvidos com o tráfico de escravos eram coniventes com os maus tratos que estes serviçais sofriam. A mentalidade do colono é a que prevalecia.

Para escapar da solidão, era imprescindível para ela olhar em torno de si, por todos os lugares onde o destino a conduzia. Recém-chegada à Praia, sua curiosidade pelos outros já se desperta (TRISTAN, 2000, p. 71): «(...) queria ficar em uma casa portuguesa, a fim de estar preparada para estudar os costumes e hábitos do país, para tudo ver e para tomar notas precisas sobre as coisas que me pareciam valer a pena».

Imbuída de sua missão de relatar a verdade, a viajante pensa em um mergulho profundo na realidade social da ilha e, ao invés de dizer diretamente como é o personagem, ela opta por nos colocar «dentro dos ambientes dos personagens» assim como fazem os jornalistas literários (LIMA, 2014, p. 19).

Ao conhecer a viúva Watrin, a senhora mais rica da cidade, que descreve como sendo uma mulher «alta, muito gorda, a pele de uma cor café com leite escuro, cabelos ligeiramente crespos e traços bastante regulares» (TRISTAN, 2000, p. 75), ela não percebe apenas o processo da miscigenação característico do local, mas também a mentalidade da classe

abastada. E marcará imediatamente seu desagrado ao sobrepor a aparência deste personagem e seu comportamento, mostrando que as maneiras suaves que tinha contrastavam com uma aparência obesa e um modo grotesco de ser (AMARANTE, 2015). O estilo de sua casa refletia igualmente esta ambiguidade: obras de Voltaire, Rousseau e de La Fontaine tinham um lugar na biblioteca junto a «um bocal contendo dois fetos embebidos de álcool», e os cômodos eram «sombrios, mal ladrilhados, de um aspecto triste» com muros repletos de «horríveis gravuras de batalhas napoleônicas» (TRISTAN, 2000, p. 75). O escritor cabo-verdiano Henrique Santa Maria Vieira (1999, p. III), lembra que o Sr. Watrin, antes de falecer, era mais conhecido na ilha como Watering, um francês de Bordéus e comerciante «testa de ferro» do governador Lencastre, acusado de «negócios escusos».

Convidada para um jantar na residência do consul americano⁹, que possuía escravos a seu serviço, ela descreve um ambiente luxuoso como o «de uma casa de campo dos arredores de Nova Iorque» (TRISTAN, 2000, p. 74). Uma semana mais tarde, em visita a este mesmo diplomata, presencia uma cena cruel e humilhante, pois ele golpeava «com golpes de vara um negro alto estendido a seus pés, e cujo rosto sangrava» (Id., p. 93). O homem era acusado de roubo e mentira. Flora tomará imediatamente o partido da vítima numa crítica mordaz à violência e, ao condoer-se com o sofrimento do serviçal, solidariza-se com suas dores reavivando o seu próprio sentimento de exclusão: «como se o maior dos roubos não fosse aquele em que o escravo é vítima! Como se pudesse existir uma virtude para aquele que nem pode ter uma vontade!» (Ib.).

Segundo Lima (2014, p.16) como o jornalismo literário oferece ao leitor uma experiência simbólica da realidade, o sentido visual confere enorme importância ao texto. Tal observação vem ao encontro da descrição de cenas que causam impacto na obra da escritora.

Ela voltaria a presenciar essa triste realidade ao caminhar pelas ruas, quando cruza com soldados ocupados em castigar homens negros por ordem dos patrões aos quais pertenciam. Na Cidade Velha, como é chamada a Ribeira Grande de Santiago, berço da nação cabo-verdiana, sobreviveu um pelourinho construído com esta finalidade, testemunha da arquitetura colonial portuguesa da época que também foi reproduzida nas cidades históricas do Brasil colônia.

Esta imagem seria apenas o detonador de um desgosto violento que a viajante sentirá todo o tempo de sua estadia e que se agrava quando é apresentada ao Sr. Tappe, francês de

⁹ Segundo Correia e Silva e Cohen (2017, p. 62), tratava-se do Consul americano em Cabo Verde de nome William G. Merrill.

Bayonne, instalado há catorze anos em Praia. Educado na França em um seminário católico, partiu, após a ordenação, para uma missão de evangelização em Cabo Verde, tornando-se rapidamente um dos comerciantes de escravos mais prósperos e honrados do local. Ela descreve o ex-religioso como uma criatura imunda, um «antropófago disfarçado de cordeiro», um «animal selvagem». Ao vê-lo, sente «uma dessas repugnâncias instintivas» (TRISTAN, 2000, p. 88-90). O Sr. Tappe possuía dezoito negros, vinte e oito negras e trinta e sete negrinhos que «se portavam bem» graças a «Dom Valentim», nome que atribuía ao chicote que trazia enrolado na cintura. Ele se referia aos negros como «animais odiosos» e «miseráveis criaturas más» que deviam ser tratadas «a chicotadas» (Id., p. 91). Na época, representavam uma mercadoria pouco rentável, em comparação com a lã e o algodão que cultivava.

Por receio de ser envenenado, o francês casara-se com uma jovem escrava a quem fazia provar todo alimento antes de lhe ser servido, e tinha dela três crianças. Confessará à viajante seu desejo de voltar sozinho à França, abandonando esta mulher e os filhos à própria sorte. O Sr. Tappe usaria o pavor da esposa de atravessar o oceano para dissuadi-la de acompanhá-lo e confessa friamente à Flora que a alternativa de sobrevivência que a mulher teria era a de vender sua prole no mercado e encontrar um novo patrão que a sustentasse. Flora argumentará a favor da responsabilidade moral que ele deveria ter, fazendo fluir sua indignação e revolta que transcreve num diálogo:

- Mas, Senhor Tappe, essa moça é sua esposa perante Deus: é mãe de seus filhos, e o senhor vai deixar todas essas criaturas à mercê de quem quiser comprá-las em praça pública?...é uma atitude atroz!!!...
- Senhorita, é uma atitude semelhante às que se cometem a cada dia em nossa sociedade (TRISTAN, 2000, p. 92).

Ela testemunhará, uma vez mais, o valor atribuído à mercadoria humana durante um encontro com o capitão Bradisco, próspero negociante de escravos. Este lhe informa que os navios negreiros levavam sempre pequenos colares de vidro que trocam contra as crianças africanas. Homem de aparência respeitável, ele lhe oferece «dois lindos negrinhos... bons, honestos, bem treinados, fortes e sadios» (Id.p. 96) para que ela os conserve a seu serviço. A viajante então desabafa: «Esse ato de barbárie me fez pensar em todos os males da escravidão, dos quais La Praya me ofertara um quadro odioso» (Ib.).

As imagens tocantes despertaram ainda mais sua revolta e indignação: «Não, não saberia contar a dolorosa impressão que essa visão repugnante produzia em mim. (...) Seriam

os homens todos maus?» (Id., p. 93). A partir desse momento, prepara-se para prosseguir seu deslocamento marítimo em busca de novos horizontes.

3 CONSIDERAÇÕES

En Francia me rechazan por ser peruana. Y en Perú, por ser francesa.

Yo no soy nadie, soy una paria.

Programa de rádio – Centro Flora Tristan
(Lima-Peru)

A memória da opressão nas sociedades escravocratas coloniais que conheceu ao longo dessa travessia deixou marcas indeléveis não apenas em seus escritos, mas também no itinerário obstinado de escritora e militante que ela trilhou, a serviço de uma causa, imbuída do desejo de servir à humanidade, aliviar o sofrimento humano, principalmente o das mulheres e dos trabalhadores.

Muitas são as viagens atribuídas à escritora nesta época, como afirma Perruchot (1961), todas sem comprovação. O fato é que, nos anos 1830, apenas as mulheres que possuíam um estatuto privilegiado podiam escapar do constrangimento de não poderem participar da vida política, social e literária, como foi o caso de Madame de Stael, George Sand ou de Marie de Agoult (Daniel Stern), que, embora defrontando-se com dificuldades inerentes à condição feminina, puderam superá-las facilmente tanto pelo talento e a cultura como pela situação econômica e a posição social que ocupavam.

Não se pode dizer o mesmo das operárias ou daquelas que, como Flora Tristan, tiveram acesso precário à educação, direito que nem ela, nem os reformadores da época, cessaram de reivindicar para os menos favorecidos.

Por meio de anotações etnográficas, transformadas em obras referenciais que denotam um jornalismo literário e militante, Flora revela a memória histórica da condição de pessoas desprovidas de direitos, marginalizadas e esquecidas nas sociedades que observou. Em Cabo Verde, conheceu e denunciou a difícil condição das mulheres e mães negras que só evoluiria mais de um século depois, graças às lutas de resistência.

Das *Peregrinações de uma pária*, aos *Passeios em Londres*, terminando com seu diário de campo publicado postumamente – o *Tour de France*, viagem que empreende para a divulgação de sua obra *União Operária* e das ideias revolucionárias de uma frente nacional socialista, a viajante não apenas relata, mas também propõe novas perspectivas e mudanças políticas na sociedade industrial europeia, não mais retornando às sociedades do sul por onde passou.

Pode-se reconhecer em Flora Tristan o talento de uma verdadeira jornalista e militante, sendo que o ideal que perseguiu até sua morte, em 1844, foi a transformação social. Se uma das características do jornalismo é o elo intrínseco que tem com a vida cotidiana e a informação que transforma a realidade vivida, a leitura das obras que a autora nos legou oferece uma dimensão do vanguardismo de suas ideias sobre o seu tempo e que seriam conhecidas quase um século depois de seu relato.

O significado social que a escritora teve para o século XIX, quando a realidade da classe operária representava uma nova forma de opressão e escravidão humana, nas cidades que se expandiam e nas fábricas - que ofereciam condições de trabalho precárias às famílias de trabalhadores - é inegável e a leitura de suas obras nos remetem aos novos fenômenos sociais multiplicadores de injustiças que conhecemos atualmente.

A viagem com destino ao Peru, passando por Cabo Verde, produziu mudanças profundas em sua vida e representou uma ruptura com o passado de penúrias e desesperança que ela vivia em sua terra natal. Foi para ela uma nova abertura para o mundo, uma mudança em seu modo de ver a exclusão nas sociedades coloniais. Todas as experiências vividas e observadas serviram de reflexão, de tomada de consciência sobre sua própria condição de pária. Como ela mesma reconheceu, cada barreira que teve que ultrapassar a partir de um sofrimento a aproximou mais ainda dos outros sofredores, fortalecendo-a como ser humano, uma vez que sua alma, se agigantando pela dor, tinha se tornado mais amorosa e convicta da própria fé.

E é consigo mesma, «inteiramente só, entre duas imensidões: a água e o céu» (TRISTAN, 2000, p. 534), que ela regressará à sua França natal onde levará a cabo seu projeto social, realizando o desejo de instruir seu semelhante e tornar-se útil socialmente, tanto por seus escritos como por suas ações voltadas inicialmente às mulheres e que estende pouco depois aos trabalhadores. A partir de sua identificação como cidadã republicana numa sociedade livre do jugo colonial, ela inicia seu engajamento através da divulgação de suas próprias experiências em terras estrangeiras. O ato de traduzir a palavra dos que não tinham voz e, sobretudo, difundir suas ideias, transforma-se no sentido mesmo de sua existência. Escritores como Bloch-Daho (2001, p. 75), que se debruçaram sobre suas obras, são unânimes em afirmar que esta viagem «constitui uma introdução magistral às suas ideias posteriores, a seu amadurecimento, a sua tomada de consciência dos fenômenos sociais».

Cabo Verde, destino imprevisto em alto mar e primeira experiência de contato pessoal da escritora com a escravidão imposta pelos conquistadores, marcaria para sempre seu roteiro

de utopias transformadoras. Uma delas foi o ideal da educação contra o obscurantismo e a desinformação de homens e mulheres:

Quando a totalidade dos indivíduos souber ler e escrever, quando os periódicos penetrarem até na choupana do índio, então, encontrando no povo juízes cuja censura temereis, cujos sufrágios procurareis, adquirireis as virtudes que vos faltam (...) (TRISTAN, 2000, p. 32)

Outra foi o combate a todas as formas de opressão que conheceu, aliando o feminismo ao socialismo revolucionário, numa antecipação da luta de classes e da reivindicação de direitos sociais que permeariam todo o século em que viveu, inspirando movimentos e teorias. A efervescente lutadora feminista, até o fim de sua vida, defenderá a união dos trabalhadores franceses¹⁰ e uma coesão estreita de operários do mundo todo pela conquista de seus direitos: «A emancipação dos trabalhadores será a obra dos próprios trabalhadores.»

REFERÊNCIAS

- AMARANTE, Maria Inês (2015) Flora Tristan e os retratos das mulheres latino americanas no início do Século XIX. In: *Revista SURES*, Número: 5, Fev., pp.115-137. Disponível em <https://ojs.unila.edu.br/ojs/index.php/sures>, Ano: 2015, feb, Número: 5, pág.115-137
- _____. (2010) Flora Tristan: jornalismo militante em tempo de revoltas. In: *Revista Katalysis*, Florianópolis, v. 13, n. 1, jan/jun, p. 110-118. doi.org/10.1590/S1414-49802010000100013: Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/katalysis/article/view/S1414-49802010000100013>
- BLOCH-DANO, Evelyne. (2001) *Flora Tristan. La femme-messie*. Paris: Bernard Grasset.
- CARREIRA, António (2000). *Formação e Extinção de uma sociedade escravocrata (1460-1878)*. 3. ed., Praia: Instituto de Promoção Cultural, (Coleção Estudos e Ensaíos).
- CORREIA E SILVA, António; COHEN, Zelinda (2017). Cabo Verde. O despertar de Darwin, Lisboa: Editora Rosa de Porcelana.
- CORREIA E SILVA, António Leão (1996). *Histórias de um Sahel insular*. 2. ed., agosto, Praia: Spleen Edições.
- CUCHE, Denys. (1981) *Pérou nègre*. Paris: L'Harmattan (Collection Alternatives Paysannes, dirigée par Dominique Desjeux – série sociétés et cultures paysannes).
- GOMES, Lourenço. (2010) *Urbe, Memória e Crítica de Arte*. Praia: Edições UniCV, (Coleção Memória e Património).

¹⁰ In "Union Ouvrière", 3. ed., 1844.

HUÁRAG ALVAREZ, Eduardo (2008). *Flora Tristan y la difícil construcción de la imagen de sí misma*, textos e anotações pessoais. Lima, Peru.

LIMA, Edvaldo Pereira (2014). *Jornalismo Literário para iniciantes*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo.

LIVRO (1833). *Livro 3394. Visitas e Entradas dos navios de Janeiro de 1833 a 8 de Abril de 1837*. Cabo Verde: Praia/Instituto do Arquivo Histórico Nacional de Cabo Verde.

MARCONDES FILHO, Ciro (2000) *Comunicação e jornalismo: a saga dos cães perdidos*. São Paulo: Hacker.

PENA, Felipe (2006). O jornalismo Literário como gênero e conceito. Trabalho apresentado ao NP de Jornalismo, do *Encontro dos Núcleos de Pesquisa da Intercom*. Intercom-SP:Portcom. Disponível em <http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/77311256385591019479200175658222289602.pdf>

PERROT, Michelle (2014). *Des femmes rebelles. Olympe de Gouges, Flora Tristan, George Sand*. Paris. Editions de Poche (Essai (poche)

_____. (2008) *Minha história das mulheres*. São Paulo: Contexto.

PERRUCHOT, Henri (1961). *La vie de Gauguin*. Paris, Hachette.

PIRES FERREIRA, Jerusa (2003). *Armadilhas da Memória e outros ensaios*. Cotia, SP: Ateliê Editorial.

PUECH, Jules-L. (1925) *La vie et l'oeuvre de Flora Tristan (1803-1844)*. Thèse. Paris, Librairie des Sciences Sociales et Politiques Marcel Rivière.

TRISTAN, Flora (2000). *Peregrinações de uma pária*. Florianópolis: Ed. Mulheres; Santa Cruz do sul: EDUNISC.

TURANO, Maria R. (2014) L'abolitionnisme britannique dans les relations anglo-portugaises: le cas de la colonie portugaise du Cap-Vert. In: *Palaver*, Italia: Università del Salento, n. 3, n.s., n. 2, p. 31-81. doi 10.1285/i22804250v3i2p31. Disponível em: <http://siba-ese.unisalento.it/index.php/palaver/article/view/14274/12439>.

VANDEPITTE, Paul (2012). Sur la piste des traites négrières à travers les petites îles de l'Afrique et de la Méditerranée. Entre Mémoire, Histoire et oubli. In: *Palaver*, Italia: Università del Salento, n. 1, n.s., p. 231-257. doi: 10.1285/i22804250v1p231 Disponível em: siba-ese.unisalento.it/index.php/palaver/article/download/.../1085.

VARIKAS, Eleni (1988). Les femmes: des parias? De la métaphore au concept politique. Communication. Réunion-débat du 30 avril 1988. In: *Cahiers du Club Flora Tristan*, Paris, n° 24, p. 4-11.ria

VIEIRA, Henrique Santa Maria (1999). Acontecimentos na Vila da Praia de Santa Maria da Esperança nos anos trinta do século XIX. *Revista Artiletra*, Praia: Cabo Verde, p. III-XIII.



Original recebido em: 08 de julho de 2018

Aceito para publicação em: 20 de novembro de 2018

Maria Inês Amaranter

Pós-Doutoranda em Ciências Sociais (ênfase em Antropologia) na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP); Doutora em Comunicação e Semiótica pela mesma Instituição; Mestre em Comunicação Social (UMESP) e Licenciada em Letras pela Université Libre de Bruxelles (ULB). Docente e pesquisadora da UNILA na área de Comunicação junto ao ILAACH e IELA - Mestrado Interdisciplinar em Estudos Latino-Americanos. Atuou como Leitora na Universidade de Cabo Verde pelo Itamaraty entre 2011-2012. Autora da obra «Rádio Comunitária na escola: adolescentes, dramaturgia e participação cidadã»; de diversos artigos científicos e socioculturais publicados em revistas nacionais e internacionais e co-autora do livro «África: múltiplos olhares sobre a Comunicação» (Intercom).



Esta obra está licenciado com uma Licença
Creative Commons Atribuição-NãoComercial-CompartilhaIgual 4.0 Internacional

